

AZUL

DENTRO DO
BANHEIRO



MARZINHA

Campo Grande, MS

30052024

ilustrações a partir de fotos de estela e marzinha



Publicações do Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves
Coleção Pegadas Culturais, 2

Organização: **Gilberto Luiz Alves**;

Preparação de Originais: **Naim Rodrigues Jaser**;

Programação Visual Miolo/Capa: **Giselda Tedesco**;

Ilustrações: **Marlene Terezinha Mourão**

Revisão e Coordenação Editorial: **Gilberto Luiz Alves**;

Produção Gráfica: **José Francisco (Zito) Ferrari**;

Contatos: **gilbertoalves9@uol.com.br** - (67) 99221-7064

Conselho Editorial do ICGLA

- Dr. Caio Nogueira Hosanah Cordeiro** - (Universidade Federal Fluminense)
Dra. Carla Villanaina Centeno - (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)
Dra. Elizabeth Madureira Siqueira - (Universidade Federal de Mato Grosso)
Dra. Fani Goldfarb Figueira - (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)
Dr. Gilberto Luiz Alves - (Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves)
Dra. Giselda Paula Tedesco - (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)
Dr. João Mianutti - (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)
Dr. José Barreto dos Santos - (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)
Dr. José Francisco Ferrari - (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)
Dr. José Luiz Sanfelice (in memorian) - (Universidade Estadual de Campinas)
Dra. Lúcia Salsa Corrêa - (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)
Dra. Maria Angélica Cardoso - (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)
Dr. Pedro de Alcântara Figueira - (Universidade Federal de São Carlos)
Dra. Samira Saad Pulchério Lancillotti - (Universidade Estadual de Campinas)
Dr. Sandino Hoff - (Universidade Estadual de Maringá)
Dra. Silvia Helena Andrade de Brito - (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)
Dra. Simone Batista Manede - (Instituto Mamede de Pesquisa Ambiental e Ecoturismo)
Dr. Valmir Batista Corrêa - (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

M357a

1.ed. Marzinha

Azul : dentro do banheiro / Marzinha ;
[ilustração da autora] ; coordenação Gilberto
Luiz Alves. - 1.ed. - Campo Grande, MS :
Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves,
2024. - (Coleção pegadas culturais)

ISBN 978-65-999889-2-9

1. Poesia brasileira. I. Alves, Gilberto
Luiz. II. Título.

05-2024/11

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Apresentação

Este é o livro número 2 da Coleção Pegadas Culturais, editada pelo Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves.

Azul dentro do banheiro, de Marlene Terezinha Mourão, foi colocado a público em 1976. Recebeu uma segunda edição em 2019, produzida pela Editora Arrebol Coletivo. De fato, tratava-se de um fac-símile da edição original.

Logo após sua publicação em 1976, o livro suscitou uma carta do poeta maior de Mato Grosso do Sul, Manoel de Barros, que é o melhor atestado de sua relevância e de sua qualidade literária. Essa carta é transcrita nas páginas iniciais da presente edição.

A obra continua pouco conhecida, pois as edições anteriores envolveram um número limitado de exemplares. Atento ao fato, o Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves resolveu reeditar o livro. A novidade que o valoriza é a inclusão de ilustrações a bico de pena da própria Autora, também artista plástica sensível e competente. Essas ilustrações substituem as fotos correspondentes das duas edições anteriores.

Desejamos que os leitores se deliciem com o resultado.

Gilberto Luiz Alves

Presidente do ICGLA





MAR

Campo Grande, 16 de agosto de 1976.

Marzinha,

Não sei dizer nada de sua poesia, senão que ela me deu um sacolejão e me jogou no cansaço e me bulevrou, desbarrancou, me floresceu, frutificou e me deitou debaixo de um trilho de trem onde eu morri de amores por Marzinha. Tenho 60 anos e quero ser eu. Veja que a gente chega no fim e tem que voltar. Morrer é um prêmio para quem soube usar a palavra como você. A poesia está coberta de escuros. "O poeta é um fingidor". Você tem de ENCENAR mesmo. Ai meu Fernando Pessoa, a Marzinha quer ser ela. Qual nada, menina. "O poeta é um fingidor". Seu livro você já viveu e pronto. Mas ele é bom e é pura poesia porque você o inventou, encenou. Você chora no cinema, quando você vê uma criança esquelética, vietnamita, saindo de um buraco que chamam de casa e andando perdida no meio das ruínas. Você é uma criança andando perdida no meio das ruínas. É o que me comove em sua poesia, que é legítima, inventiva, despreza as convenções, as falsas emoções, os falsos carnavais, as falsas ladainhas ... Agora esse livro você já viveu, já compôs, deu forma e sentido. Agora saia do banheiro...

A máscara é necessária. Essa do nascimento.

Você é mais você quando você é mais multiplicada nos seres.

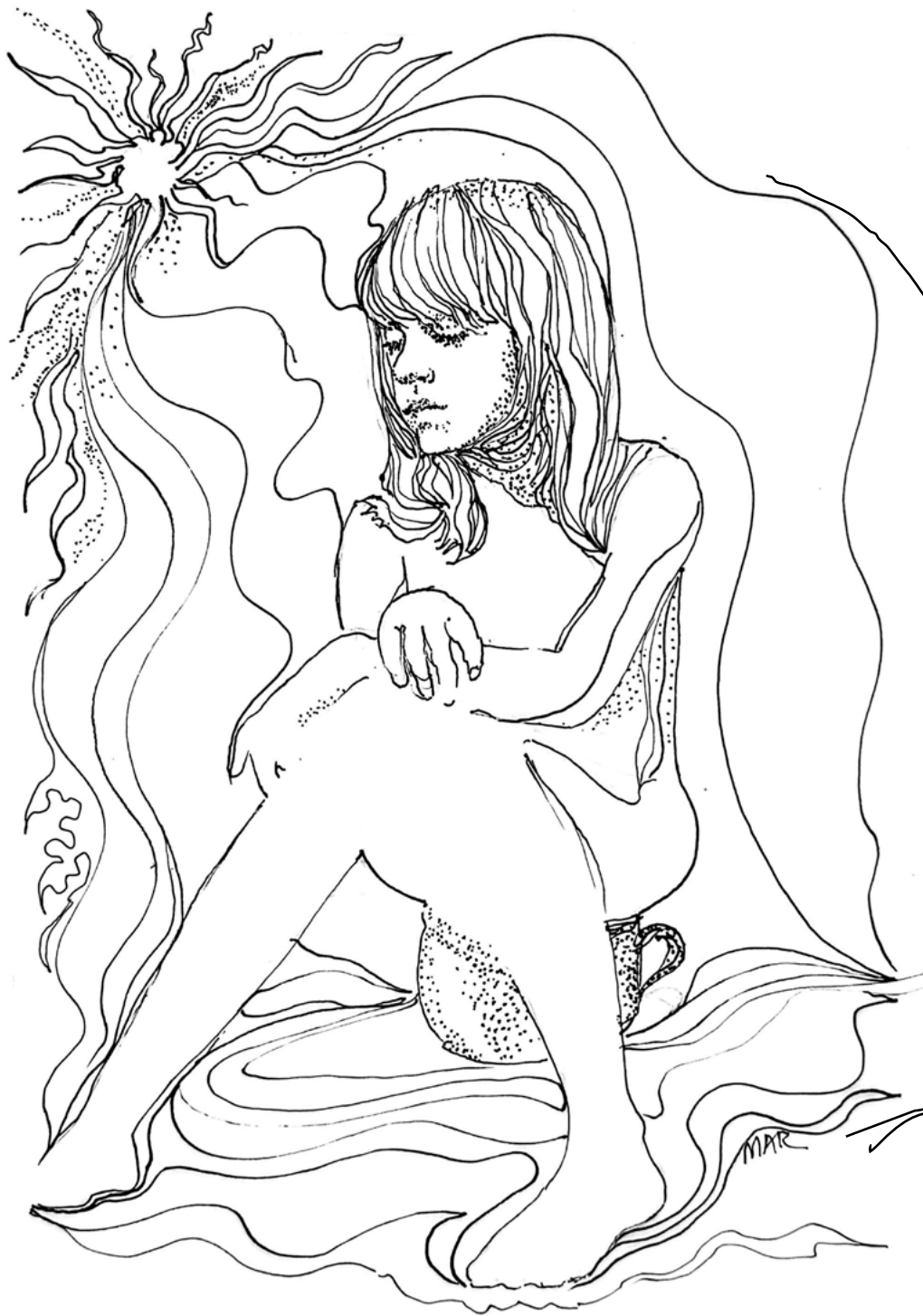
Você é todo mundo na sensibilidade e daí que é poeta.

Louvo Corumbá que revelou Marzinha. Louvo Mato Grosso. Louvo o Mundo. Louvo Marzinha. Louvo o "Azul dentro do Banheiro", que não tem destinatário, que não pretende nada, que não tem prefácio nem orelha, que não tem padrinho e nem mesmo não tem o nome do autor - mas é um legítimo livro de poesia.

Manoel de Barros.

(Carta que Manoel de Barros escreveu para Marzinha em 16/08/1976)





gosto de ir ao banheiro

pra conversar. É o lugar onde posso ser eu. Lá eu me escuto, me interrogo, faço careta, gesticulo, ponho a mão na boca... sem ninguém me interromper e nem dizer que é loucura o que eu penso e o que eu digo e o que eu faço.

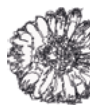
Estou por conta com a civilização que me põe na frente o telefone e a televisão e a revista e as pessoas que falam de moda e de política externa.

Eu
quero
ser
eu





Eu quero pegar na minha mão e me levar por caminhos que me falam de ternura e compreensão. Eu quero enforçar a responsabilidade. Triturar o dever. Esmagar o direito. Abolir da prática todas as palavras pesadas e convencionais. Espero ouvir ao longe o apito de um trem que chega. Ouvir passos que entram. Braços que apertam. Sorrisos que se confundem e se tornam apenas um. Eu preciso gritar e ordenar que parem com essa loucura de querer transformar a madrugada em dia claro. Preciso pedir ao relógio da matriz pra calar a boca para sempre! E fazer a noite caminhar devagar e para trás. Eu tenho que conseguir juntar o que é meu e depois verificar que tudo o que é meu é emprestado. E a gente vai ter que ver de novo as flores surgirem na primavera. E a chuva cair sem precisar pedir licença. A gente vai ver o sol brincar de esconde-esconde de noite atrás do morro.






E o vento,

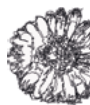
Meu filho, contar fio por fio de um cabelo
dourado ...

Ah, eu preciso tirar da minha frente a ilusão que o escuro dá à sombra. As pessoas se matam fazendo número virar vida. Eu tenho que esconder todo medo que surgir daqui pra frente. Eu tenho que demonstrar? Não preciso. Eu não preciso demonstrar para que acreditem que existem parafusos fora de lugar. As pessoas riem de tudo. Riem do que é engraçado e do que não é. Eu tenho que achar um jeito para explicar como é que as idéias saem uma atrás da outra sem cálculo nenhum. Eu tenho que parar e sei que tenho que continuar, sei que vou continuar. Eu vou pedir pra aquela estrela desocupar um pouco o espaço que está sobrando. Eu ainda tenho que chorar sem molhar o rosto. Caminhar baixinho e pisar devagarinho que é pra não acordar quem estiver dormindo. Eu tenho que dizer pra quem quiser ouvir que é tarde pra começar mas que é cedo pra terminar.






Eu quero
ser eu



Tenho que dizer que vi um menino louro cruzando
a rua sem olhar pro lado. E o bolo na vitrine
esperando ser comido.

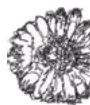
Eu espero ser eu.





Quero ver meus olhos brilhando deixar de ser apenas fotografia antiga. E o quarto todo bagunçado cheio de tinta espalhada. Eu quero tomar banho de três em três dias e na segunda feira pisar na lama e mexer com barro. E ai quem quiser e tiver coragem pode fazer o mesmo, escondido.

41



Eu queria saber quem é que ainda está com a última palavra e a palavra correta com quem está. E depois de tudo isso ver um sorriso na boca de quem eu quero. Coisa linda é fazer alguém dormir ninando uma cantiga de cantar. E o canto que eu cantar, vai ser mudo, só pra dentro, pra quem estiver dormindo poder ouvir melhor. Tenho que ser eu.





5760

MAR

Tenho que ser eu.
Assim como sou, sem medo, dentro do banheiro.
Eu me vejo correndo atrás das borboletas,
roubando o mel da abelha da flor.
Eu me vejo sem graça
quando chego perto de quem
eu amo.

Eu me vejo feliz lá no fundo do rio,
que é pra ninguém me achar.

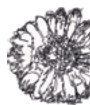
Eu me vejo sem rumo e sem precisar de destino
nem de comida e nem de teto. Eu me vejo com
outras crianças numa roda gigante de ciranda-
cirandinha. Eu me vejo ganhar na loteria e
depois lá do último andar espalhar meu rico
dinheirinho com um ventilador de dez quilôme-
tros de altura de hélice. Eu me vejo tão pobre
de pedir emprestado e depois sair olhando as
vitrines com olho de querer tudo ... Eu me vejo
caducando com meu neto sem pelo menos ter tido
o sapeca do meu filho ... É eu me vejo beijando
meu amor a distancia de cinco mil cidades ...

Eu
preciso
ser
eu.



Quero achar quem dê cem cruzeiros por uma revista de quadrinhos sem fazer careta. E ver alguém entrando pra comprar um cartão de aniversário sem ser aniversário de ninguém. Não posso me esquecer que **tenho** que declarar que hoje vai ser o dia universal obrigatório do perdão. Mas antes vamos ter que riscar essa palavra perdão de todos os dicionários e de todas as lembranças.

Tenho
necessidade
de ser
eu.



Eu
quero
ser
eu







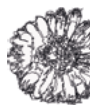
Parar

as pessoas que estão dentro dos carros e mandar que elas troquem entre si os seus carros por uma outra cor ou por uma bicicleta, por uma carroça ou por andar a pé simplesmente... Tenho que aprender a falar inglês sem nunca ter que sair de minha terra. E vou cuidar da minha horta sem gostar de verdura. Vou ver filme de guerra todos os dias e defender a paz com unhas e dentes e outras armas... Vou lutar comigo e contra mim aqui dentro, e depois dizer: eu me venci sem saber quem idiota venceu a quem... Ah, se as flores soubessem das angústias humanas, não podiam querer ser chamadas de Margarida, Rosa. Papoula. Jasmim, Violeta... Tenho que vencer o meu orgulho e ser humilde e depois que for humilde, constatar que eu quis ser humilde por causa do imenso orgulho que me persegue e que nunca vai me deixar em vida. EU PENSO SER EU.



andar só, por aí, sem sentir o peso das roupas que me acompanham e me perseguem, noite e dia. Eu tenho que dançar ainda numa só perna e contratar um avião pra mandar as notas musicais lá de cima... Onde já se viu dançar ao som de fumaça de cigarro e garrafa quebrada?... Onde já se viu estômago roncar de fome, se não é ele que põe a comida na boca? Eu tenho que conseguir achar um jeito de fazer a caneta escrever sem precisar parar pra inventar idéias ... Quem já viu uma caneta de braço cruzado e cara feia, dizendo: não escrevo, não escrevo, não vem que não tem!... De bobagens, a cabeça já está cheia, coitado do papel... Pois que fique só aí dentro e ponto final!





Eu não disse:ponto final?
Então não precisa insistir. Caneta, quantas
vezes tenho te beijado, enquanto Vossa Excelência
descansa das idéias?... Quantas vezes
tenho te olhado com ternura... e te acariciado...
hem? hem?... E você, papel preguiçoso...

vire,
vire!!!

... estou brigando com
você, mas eu gosto de você.

eu vou ser eu

Vou me mostrar como sou por fora e por dentro.
Eu sou forte,
não tenho medo de escuro. E eu me desmancho
como

manteiga

e me angustio

em pleno claro dia. Isso por fora

e por dentro. Resta saber

30

quando é que as posições são trocadas ou

se confundem...

Sou um passarinho de asas emprestadas,

eu disse

num poema antigo. Sou uma águia que corta

o espaço

e aproveita as oportunidades pra subir mais

e mais, à custa dos outros. Sou uma QUIANCINHA,

MAMÃE!... Cuide de mim, me abace no zoelo.

Pois não preciso de NINGUÉM pra mostrar quem sou

eu e o que posso eu. Venha, varros correr

em ca



pro u t r o . . . parece que está apavorada...
As formiguinhas são todas iguais . Como são
iguais todos os coelhos orelhudos e olhudos.
Gosto de ver os coelhos espantados!

o l h a r em
rápido pra gente,
um pinote pro lado e sumirem mais rápido ainda.
Tenho vontade de apertar a fofura branca dos
coelhos... E tenho vontade de apostar corrida
com eles. Eu estou

que ren
do

ser

eu.





E alguma alguma coisa ainda vou conseguir.
Eu tenho que conseguir ainda escrever uma
só palavra dentro de uma semana de sete
dias... pra depois parecer que levei um
um minuto e meio. Eu vou fazer coisas lindas
e vou dizer coisas lindas num momento de
depressão e depois, depois espremer,
espremer o cérebro e me cansar e cansar
os outros e constatar

que nada consegui.

Eu vou pensar em Deus que está

longe,

longe, lá no infinito dele,
escondido,

com medo da constante petição ou pedição de
iguais a mim... Eu vou pensar

nele

e depois dispensar. Eu vou ter que
dispensar.

PRONTO, NÃO PRECISO MAIS DE VOCÊ,
já tenho a mim, que sei errar muito bem,
sem companhia de ninguém.

E

u

s

ó

q

u

e

r

o

s

e r

eu.



E depois ouvir o coração de cabeça baixa,
pedindo com vergonha e com medo um perdão
meio desconfiado com recibo de segunda via.

E o coração

leva um cascudo! E o barulho de qualquer
coisa lá fora vai me fazer pensar que é
barulhinho de chuva quieta... E o coração vai
ficar deitado espranchado e sem forças e me
dizer: deixa pra lá, já deixei. Eu já vi
tanta coisa. Já senti. Eu já vivi. Agora
o que é que tem? Deixa pra lá, olha a
chuva... olha a chuva... olha a chuva...

24



não basta a chuva?... É tão bonita a chuva
escorrida no vidro da janela... uhhhh! ...
eu vou morrer de frio!... oba! ooobaa!....
eu vouuuu moooooooooorrer de frio,... eu vou
morrrrrrer... Eu vou brincar na chuva escorrida
do vidro da janela, eu vou passar o dedo no vidro
da chuva da janela... Aí eu vou gritar: pára
com isso! Para!... é feio!... Chuva de
janela, você já viu, você já conhece, por acaso,
outra chuva, uma chuva colorida de campo de
flor debaixo do canto de passarinho?...

Pois é! É essa que eu conheço... Ah,
chuva, cai devagar, mas não cai feio...
cai bonito, que eu te dou um pedaço de
pão com margarina e um copo cheiinho
de leite... tá? Ah, chuva, não olha assim
pra mim, hem!... Chuva, escuta a música
que vem do céu... ah, do céu, de qualquer
lugar... dessas músicas de flauta de filme de
bosque e de campo verde, de cavalo voandooooo
e andando devagar, voando e andando devagar,
TOC, PLOC, TOC PLOC... Chuva, por que cai
tanta água de você? Você não fica com desidratação?...
Gosto quando você cai na cabeça da gente e cai
no braço e no pé e o cabelo prega
na cabeça de pinto molhado da gente...
Chuva, vou pegar você e guardar todos os pingos
pra você chover amanhã
e no dia que quiser... mas você tem que cair
bonito, Hem! TEC... TEC... TEC... assim, não!
você tem que cair chu u u u u u

tloc.tloc.tloc.PLIM... PLIM...



E você tem que cair na cara do sol, hum ?...
Chuva, chau, tenho que dormir... SCHIIIIII...
E a viagem do sonho é uma viagem bonita.
Colorida. Cheia de florzinha vermelha e azul
e branca naquele campo verdinho. Mas
as pessoas-gente não entendem os sonhos de
cor. Puxa, é muito difícil sonhar
num planeta
onde não existe lugar
pra se guardar
bem guardado
um sonho... Se as pessoas acharem o papel
do sonho elas pegam a borracha e apagam, ou
então amassam ou jogam no fogo, coisa inútil
não se guarda! Aí o fogo come tudo! CREEEEEC!...
Aí fica tudo quente e vermelho, e as pessoas
riem e ficam contentes de esfregar as mãos,
e depois reclamam que não aguentam “mais esse
calor”!... E depois de passado todo o tempo
que é pra ter passado e acabado, elas se lembram
do papel do sonho
e perguntam
e se perguntam *O QUE É QUE FOI FEITO*
O QUE É QUE fizeram DELE ...

22



E aí a cinza do papel do sonho vai querer virar brasa, e a brasa vai querer virar carvão e o carvão vai querer virar papel. E aí esse papel vai ficar um papel meio cansado e curto... azar dele. Aí ele vai escutar uma voz: eu avisei, eu avisei...

E aí, porque esse assunto continua no próximo número, o espaço está cheio de coisas misteriosas e insondáveis... O mistério começa em nós mesmos.

Dentro de nós.

A gente vive tanta coisa num só dia, que admira como é que o espaço de tempo de cada dia pode ser diferente um do outro...

Os sentimentos.

Os sentimentos escondidos dentro de nós falam por nós, quase sempre.



Nós não precisamos de palavras para explicar o que sentimos. As palavras alteram o sentido do que sentimos ou elas são desmentidas ou procuram mentir. Eu pensei na fofura dos coelhos que não tem necessidade de esconder sentimento algum... E além do mais - como qualquer animal - não reclamam retribuição...

Aquele animalzinho lambe a minha mão através da tela que o prende e nem me pergunta

SE EU GOSTO DELE.

Só nós humanos ansiamos por troca:

20

um dinheiro a troco de um café, um cinema, uma lata de tinta e a troco de um sorriso, um sorriso! Amor com amor se paga... amor que exige paga... ora, viva os imbecis do planeta terra!... Viva os imbecis que precisam comer macarrão pra se manter de pé! IPIII, IPIII URRRA!... VIVA! SALVE!...

Salve os bobos que se olham no espelho e se acham os tais, mesmo sem se olharem. Salve os tais que se acham bobos porque voltaram atrás... salve, salve, salve, três vezes!



mas,
que eu tenho
que
ser eu

...isso eu preciso.

Eu preciso encontrar um jeito de cantar,
mesmo sem ter vontade. Cantar, cantar bem
ALTO
e acordar a cidade que está dormindo antes da hora
... Acorda, cidade idiota, acorda! ...Acorda
pra me ver passar. Eu trago flores
visto AZUL
e *ESTOU DE PASSAGEM*... Aproveita a oportunidade
que é só uma vez... uma vez pode ser única,
pra sempre,
ou nunca mais...
Cidade, cidade, apaga o vermelho de tua sombra...
apaga a fumaça que impede o teu sonho...
e vem



vem brinçar

no Carrrossel

multicolorido

da manhã de primavera,
onde eu posso ser eu... Ah, cidade chata
e boba!... Sabe o que eu tenho que fazer?
...Eu tenho

que *ENCENAR*. Tenho que fazer chorar
e depois breçar o pranto e
instantaneamente fazer rir... Tenho que dar
a impressão de derrota e logo em seguida a de
vitória...

Tenho que armar e desarmar.

Cantar a vida e decantar a morte. Eu tenho
que dizer que é bom e é útil e necessário viver
... e morrer é um prêmio pra quem soube *usar* a
vida...



Eu tenho que encenar porque eu sou gente
e ganhei uma grande máscara
de presente de nascimento. Tenho que conservá-la
pra quando for sair
e me encontrar com as pessoas...

Acontece, que umas riem da minha máscara,
outras seriamente a respeitam e concordam com
ela...

só no banheiro é que não preciso dela.
Eu não preciso dela quando estou só,
porque meus olhos, porque meus olhos...
porque meus olhos me veem através de qualquer
máscara... Ah, eu não preciso dela
quando no cinema escuro eu tenho que chorar por
causa de um sofrimento inventado... Lembrei de
um homem que eu vi caído na calçada lá da
esquina... A mesma cena do cinema, e ninguém
e nem eu chorei... Ah, eu me lembro: eu estava
de máscara de nascimento...



Eu precisava dependurar essa tal máscara,
esconder,
jogar,
trancar no baú e esquecer que ela existe. Porque
eu tenho... eu não tenho que ser eu?
Eu vou sair por aí desvestindo as pessoas, uma
por uma... azar se elas não quiserem. Olhe aqui,
pessoa: você não pode andar com essa roupa
esquisita pra esconder o que você é e o que voce
tem! E RASSSSSSP! REEEEECCC!

16



... Vou tirando tudo. E peço pro vento e a chuva
me ajudarem. Eles me ajudam e nós vamos ver as
pessoas felizes na marra!... Vai todo mundo deixar
de fazer o que está fazendo e o que tem que fazer
e ligar na mesma emissora pra ouvir o som de uma
só música, sem parar... Essa música que a gente
está ouvindo serve. Serve, não. É a melhor...
A melhor música é a que a gente *GOSTA*... Música,
favor tocar baixinho... assim... música, você
não cansa de fazer sempre as mesmas notas, só
pra ser bonita mais uma vez pra quem ama v o c ê ?

TAN-TAN-TAN-TAN-TAN... TAN-TAN-TAN-DAN
TAN-TAN-TANNN-TAN... TAN... TAN TAN... e é
impossível traduzir love story em
TAN TAN DAN... é impossível traduzir o que
sentimos
e como sentimos
quando sentimos.



NO BANHEIRO

eu sou eu. Sou o que deveria ser...
ou o que eu não devo e não posso ser.
A gente cansa de caminhar
quando sabe que no fim da estrada
vai ter que voltar
e voltar por causa de nada...

E POR CAUSA DESSA VOLTA

e desse cansaço

a gente corre o risco

de transformar

o que quis dizer

no livrinho da gente.

Porque na verdade

NÓS NUNCA QUEREMOS DIZER REALMENTE NADA.

Não somos donos do que dizemos,

porque o que dizemos

não é o que somos.

A gente se transforma.

14 *O vinho é uma água com álcool*

e a água um vinho sem.

A gente se transforma por força das aparências

e das exigências.

Querer chorar só, é a pior burrice que já

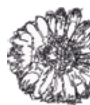
se inventou, porque o mar dos olhos um dia vira

deserto

e o coração espranchado vai dizer: eu já vivi...

o que é que tem? deixa pra lá.





*Aí, nem a vida nem a morte,
nem vento sul,
nem a chuva quieta,
nem a música,
nem o que se deixa pra dizer no final pra dar
impacto,
nem coisa nenhuma,
vai adiantar.*

Eu já vivi,
o que é que tem?... Então deixa pra terminar
um outro dia
o seu livrinho.

*Um dia,
na outra primavera, quem sabe, num inverno
com bastante neve...*

*POIS A GENTE NUNCA QUER REALMENTE DIZER
COISA ALGUMA...*

*Um dia,
com bastante flor
misturada com gritos infantis,*

Um dia

com música de câmara lenta num

bosque colorido num bosque

12

multicolorido

de manhã de

primavera ...

de primavera







Um dia,
quem sabe,
o nada que a gente quis dizer
tome sentido e forma
e faça o mundo inteirinho
encolher
 pra que caiba
 dentro do banheiro.







eu nao disse:
ZERO? ...



(Como você é
inteligente,
hem? - Agora é que
foi
“descobrir”
que tem que
ler de trás
pra frente?)



MARZINHA

é Marlene Terezinha Mourão, artista plástica, serigrafista, quadrinista, poeta e escritora, autora do livro infanto juvenil (textos e desenhos) “Pacu era um peixe que vivia feliz nas águas do Rio Paraguai” (2002); das tirinhas de “Mariadô, o Livro” (2012); da cartilha ilustrada e totalmente manuscrita “Um Altar para as Valorosas sandálias do Frei Mariano” (2017); “Caminho Curto 33” de 2016 (2021) e a primeira edição deste livro “Azul dentro do banheiro” (1976).

Nascida no município de Coxim no dia 18 de setembro de 1945, formou-se em Pedagogia em Campo Grande.

Mora em Corumbá desde 1971.



Deste livro, editado pelo
Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves,
foram impressos 130 exemplares numerados e mais 20 exemplares
de colaboradores, numerados de I a XX,
com miolo em papel Reciclato 75gr./m²
e capa em papel Couchê 250gr./m²,
laminação fosca, granpeado.

Todos foram assinados pela autora, ilustradora,
Marlene Mourão - Marzinha e por Gilberto Luiz Alves.

As fontes utilizadas na diagramação
são da família tipográfica Nexus Typewriter Pro.

Impressão (processo digital) foi realizada
na Gráfica ???, em ????, ????

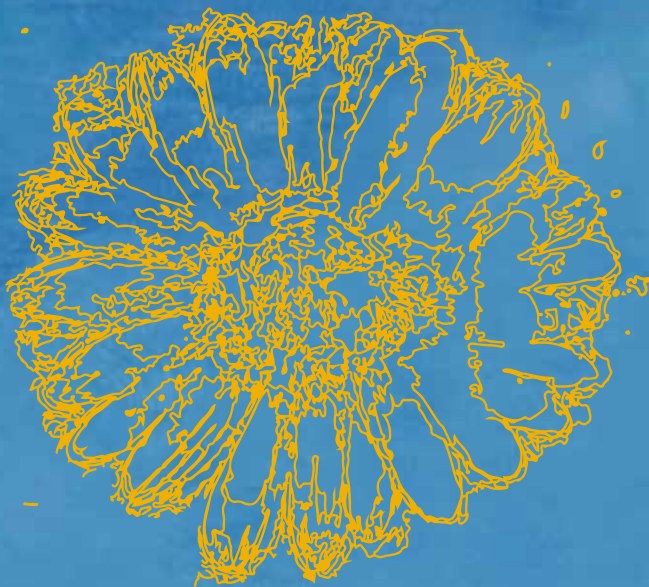
Nº



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

INSTITUTO CULTURAL GILBERTO LUIZ ALVES

Rua Gonçalo Alves, 34
CEP 79.021-182 Campo Grande, MS
www.icgilbertoluizalves.com.br



não empreste
este livro...
(é imprestável)
compre um
pro seu amigo



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL